

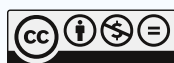
* Possui mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2005), Pós-Graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (2010), aperfeiçoamento em educação pela Universidade de Passo Fundo (2003), graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (1995) e graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo (1999). Foi diretor e gestor do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo de maio de 2005 a março de 2008, onde coordenou o processo de Credenciamento da IES junto ao MEC, bem como o processo de autorização do Curso de Teologia Pastoral. Nesta instituição também coordenou a pós-graduação em Metodologia do Ensino Religioso e a pós-graduação em Metodologia Pastoral. É colunista da Revista Paróquias e Casas Religiosas e do Jornal Diocesano de Chapecó. É diretor geral da Rede Santa Paulina - Educação. Fundador da Empresa Sapiência Desenvolvimento profissional e gerencial, que atua exclusivamente no segmento educacional.

E-mail: rodineibalbinot@bol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7246-0319>

Recebido em 29/09/20

Aprovado em 22/12/20



CIÊNCIA, PRÁTICA DE JESUS E FORMAÇÃO HUMANA

SCIENCE, JESUS PRACTICE AND HUMAN FORMATION

*Rodinei Balbinot**

Resumo: O presente artigo pretende tratar da formação humana considerando, de um lado, sumariamente, algumas das conquistas mais recentes da ciência a respeito da inteligência e, de outro, alguns referenciais da prática de Jesus que demonstram suas habilidades formativas no uso integrado da inteligência. As pesquisas recentes da neurociência mostram que nosso cérebro sempre atua como um todo e recruta dinamicamente os neurônios, em todas as partes do cérebro, para cada ação que realizamos. Aquilo que, ao longo do século passado, foi se chamando de inteligências, em termos pedagógico-formativos, precisamos tratar como dimensões de uma mesma inteligência humana. Daí a importância de considerarmos, nos processos formativos, todas as dimensões, caso desejarmos falar em formação ou educação integral. Para tratar da temática, após uma breve introdução, anunciaremos a dimensão da inteligência de acordo com a pesquisa científica para, em seguida, averiguarmos como Jesus lidava com os processos formativos na vida cotidiana para desenvolver cada dimensão, relacionada com as outras. Nas considerações finais, apenas nos caberá reconhecer que ainda vivemos rodeados por mistérios com os quais flertamos para avançar ainda mais na aventura do conhecimento.

Palavras-chave: Formação. Inteligência. Educação. Jesus. Ciência.

Abstract: The present article intends to deal with human formation considering, on the one hand, some of the most recent achievements of science regarding intelligence and, on the other, some references of Jesus' practices that demonstrate His skills in the integrated use of intelligence. Recent neuroscience research shows that our brain always acts as a whole and dynamically recruits neurons, from all its parts for every action we take. What, over the last century, has been called intelligence, in pedagogical-formative terms, we need to consider as dimensions of the same human intelligence. Hence it is important to consider all dimensions in the formative processes when we think about integral education and formation. To devolve the subject, after a brief introduction, we will review the dimension of intelligence according to scientific research, and examine how Jesus dealt with the formative processes in daily life to develop each dimension, related to the others. In the final remarks, we will only recognize that we still live surrounded by mysteries with which we flirt to go even further in the adventure of knowledge.

Key words: Formation. Intelligence. Education. Jesus. Science.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de entrarmos na temática deste artigo, gostaria de expressar minha gratidão ao Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo – ITEPA, pela imensa contribuição em minha trajetória formativa. Fui aluno, de 1996 a 1999; professor, de 2002 a 2008; diretor, de 2005 a 2007. Testemunhei, ao longo desses anos, a excelência com que o Instituto trata a questão da formação humana em todas as suas dimensões. Louvemos a Deus pelas maravilhas que realiza por meio do ITEPA.

O tema em questão é sempre atual, ao menos por dois motivos: a) porque Deus sempre se revela, é sempre jovem e está a manifestar as potencialidades do Espírito na criação; b) porque o ser humano é um ser de transcendência, e a formação humana, no contexto atual de crise socioambiental, adquire importância e urgência inadiável, como bem disse a Declaração *Gravissimum Educationis*¹, sobre a Educação Cristã, do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 1965.

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, em 13 de março de 2013, tem pautado o tema e dado a ele visibilidade internacional. Em 2019, convocou toda a humanidade e os cristãos, de modo especial, para “Reconstruir o Pacto Educativo pela Educação”², sob a ideia de que vivemos em uma aldeia global. Resgatando um sábio provérbio africano, que diz que *para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira*, Francisco propõe que a educação é tarefa de toda a humanidade. Não nos serve uma concepção de educação/formação que se detenha nos aspectos instrumentais da vida. Temos de avançar para uma proposta que considere o ser humano, sua integridade, dignidade e liberdade. Deste modo, o pacto pela educação/formação passa pela formação integral, que abrange a integralidade humana e, assim, tome também a inteligência de modo integral, não compartimentada. Desejamos uma educação/formação que leve em conta as principais conquistas da ciência e gere “vida em abundância para todos” (Jo 10,10).

A ciência, excessiva e até escandalosamente, experimental e técnica esqueceu a humanização no subsolo. O mesmo se pode dizer da razão abstrata, que abandonou o mundo sensível, emocional e espiritual no porão da vida e lançou-se ao sótão para granjear somente com a ideia. Há acusações a ambas no tribunal da formação e do conhecimento, de modo a termos de sempre perguntar sobre o papel da ciência e do conhecimento nos processos de vida. A própria ciência tem feito o papel de revisar-se a si mesma.

Os estudos dos últimos dois séculos desvelaram várias formas de inteligência, relacionadas a regiões distintas do cérebro e acionadas por diferentes formas de relações, mas que, de alguma forma, incidem umas às outras em uma única experiência formativa. O desvendamento das inteligências já abriu várias portas para dar mais emoção à formação e devolver a ela o sabor da integralidade. Mas há ainda um longo caminho a ser percorrido, de modo especial no que diz respeito à chamada formação integral, que estaria por supor uma inteligência integral e uma concepção do ser humano em sua integridade. Em termos pedagógicos, não podemos tomar a inteligência de modo compartimentado, pois formamos pessoas, que não podem ser divididas. Neste artigo, esboçaremos de modo sumário³, inicialmente, o que a ciência tem indicado quanto às inteligências para, em

1 Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em 19.10.2020.

2 Disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em 19.10.2020.

3 Não há espaço aqui para aprofundarmos as pesquisas sobre a inteligência. Empreitada essa que está em andamento em uma obra maior, no prelo, cujo título provisório é *Reencantar-se com o conhecimento*. Aqui somente anunciaremos a descoberta da inteligência para situá-la no tempo e na pesquisa científica.

seguida, buscamos referências na prática de Jesus, na forma como conduzia os processos formativos, como uma inspiração para as práticas formativas atuais.

1 DIMENSÃO INTELLECTUAL DA INTELIGÊNCIA: SERES DE CONHECIMENTO

Em 1905, o governo francês, com o propósito de organizar um sistema gradual de ensino, encomendou ao psicólogo e pedagogo Alfred Binet (1857-1911) a elaboração de um teste que possibilitasse medir a inteligência das crianças e classificá-las por ano ou grupos. Em 1907, Binet e Théodore Simon (1872-1961) publicaram, na *L'Année Psychologique*⁴, um esboço de suas pesquisas sobre *O desenvolvimento da inteligência nas crianças*, colocando-se no meio de uma polêmica de seu tempo sobre a possibilidade de se medir a inteligência. Enquanto alguns se dedicavam a engrossar a polêmica, Binet e Simon se entregavam a pesquisas para tornar isso viável. Em 2011 publicam *Testes para medida do desenvolvimento da inteligência das crianças*, onde referenciam descritivos para avaliar o desenvolvimento e a inteligência de crianças a partir dos 3 anos até os 15 e, também, critérios para adultos. Está posta aí a base dos famosos testes de QI - *Quociente de Inteligência*, focados no conhecimento intelectual, amplamente utilizados, durante praticamente todo o século XX, para medir a inteligência, classificar alunos e até mesmo para contratar profissionais⁵. Esse foi o início de praticamente um século de pesquisas educacionais ligadas à ciência da cognição, que marcou, entre outros, teóricos como Lev Vigotski, Jean Piaget, Howard Gardner. Este último, pai das chamadas inteligências múltiplas.

Desde as pesquisas de Binet e Simon a Inteligência Intelectual ocupou a preocupação das escolas e universidades, de maneira quase que exclusiva. Há algum tempo, porém, vem sendo questionada e posta ao lado de outras dimensões igualmente importantes e necessárias para o desenvolvimento integral do ser humano. Cresce também a ideia de que a Inteligência Intelectual precisa ser desenvolvida em relação com outras inteligências, pois, concebida somente sobre si mesma, descamba para um conteúdo frio, sem sabor, sem sentido e conduz à formação pelo caminho da instrumentalização ou da tecnociência. Pessoas que têm alta Inteligência Intelectual e baixa inteligência social podem fazer certo o que é errado, causando grandes desgraças, como as que já conhecemos na história da humanidade recente.

Quando olhamos para Jesus, percebemos sua profunda Inteligência Intelectual e a perspicácia em utilizá-la para o exercício de sua missão, integrada a outras formas de inteligência: fazer a vontade de Deus, que era a de gerar vida para todos. Ele conhece muito bem as Escrituras, fundamento principal da fé e da sociedade religiosa judaica de seu tempo. É o que lhe permite dialogar, refletir e discutir com doutores da lei, aqueles que se dedicavam quase que exclusivamente ao estudo e à interpretação das Escrituras. Quando um desses especialistas indaga a Jesus sobre o que deveria fazer para conseguir como herança a vida eterna, Jesus lhe devolve o questionamento para que possa revisitar seus conhecimentos: “Que está escrito na Lei? Como lê?” (Lc 10,26). Certamente, o especialista se sentiu valorizado e tratou logo de dar a resposta citando o maior dos mandamentos: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27). O especialista não é apenas assertivo na resposta, como a postula de um modo irrepreensível. Notemos que o amor se dá com a integralidade do ser e da inteligência: corpo (força), coração (sentimentos, emoções), alma (espírito, sentido maior), entendimento (intelecto). O

4 Anuário da Psicologia - uma espécie de resumo das pesquisas da área da psicologia.

5 Ver Alfred BINET. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4661.pdf>. Acesso em 01.10.2020. Texto: *Testes para medida do desenvolvimento da inteligência nas crianças*, entre as páginas 77 e 80.

especialista sabe que não basta amar somente com o entendimento, é necessário um amor integral. Portanto, não havia nada a reparar na resposta. Jesus, por isso, apenas diz: “faze isso e viverás” (Lc 10,28). A conclusão de Jesus é, ao mesmo tempo, um reconhecimento ao conhecimento do doutor da lei e uma provocação para que o saber dele se transforme em ação para gerar vida.

Há inúmeras outras passagens bíblicas nas quais Jesus demonstra as habilidades da Inteligência Intelectual. Ele parte sempre das necessidades, de uma questão limite, de uma situação problema: a multidão faminta, os doentes, as súplicas, as perguntas e inquietações, as aflições, os problemas cotidianos, os sofrimentos. Reflete sobre a situação utilizando-se das referências da Torá (Lei) e Profetas, que era a referência fundamental do conhecimento judaico e, por diversos meios, envolvendo sempre as pessoas: parábolas, discursos, práticas, análise de situações, comparações, citações, costumes, diálogos, questionamentos, condução de processos como no caso de Emaús. Postula e indica para a solução de problemas: cura, responde, conduz, mobiliza, liberta, provoca discernimento e mudança, converte.

2 DIMENSÃO EMOCIONAL DA INTELIGÊNCIA: SERES DE EMPATIA

Na história humana, assim como nas relações, parece que as emoções atingem o estômago antes que as ideias cheguem ao intelecto⁶. Os últimos 50 anos têm sido intensos e conturbados no que diz respeito à economia emocional pessoal e coletiva. Houve mesmo quem anunciasse que a doença do século XXI seria a depressão, tamanha a pressão emocional a que o frênesi cotidiano expõe as pessoas. Estaríamos doentes de nós mesmos.

O certo é que assistimos a uma desenfreada ebulição de questões e problemas emocionais, junto com os quais também proliferam pesquisas a respeito e um mar de literatura de autoajuda. Se, no século XX, houve descobertas que trouxeram à luz as variadas potencialidades humanas relacionadas à base cerebral, transcendendo o aspecto da cognição, esse interesse se multiplicou nos últimos 50 anos. As novas tecnologias abriram novas possibilidades às pesquisas: “Elas tornaram visível, pela primeira vez na história humana, o que sempre foi um grande mistério: como atua essa intrincada quantidade de células enquanto pensamos e sentimos, imaginamos e sonhamos”⁷.

No decorrer do século XX houve diversas pesquisas que bateram na porta da inteligência emocional. O termo *Inteligência emocional* surge na década de 1920, pelo psicólogo e pesquisador norte-americano Edward Thorndike (1874-1949). “Thorndike notou que a eficiência interpessoal era de importância vital para o sucesso em muitas áreas, sobretudo na liderança” (In: GOLEMAN, 2019, p. 106). Os avanços na investigação da mente e das inteligências foram abrindo novos horizontes, mesmo que muitas ainda permanecessem filiadas à cognição. Foi por Daniel Goleman, psicólogo e jornalista científico, que essa nova descoberta foi conhecida no mundo todo, com a publicação de seu livro *Inteligência emocional* (1995).

A descoberta é que, quando se trata de decisões e ações, desde as mais simples como as mais complexas e importantes, “a emoção pesa tanto quanto a razão” (GOLEMAN, 2012, p. 30). A emoção não é um desvio da razão, senão uma forma de inteligência, talvez mais antiga que a intelectual. “Todas as emoções são, em essência, impulsos, legados pela evolução, para uma ação imediata, para planejamentos instantâneos que visam a lidar com

6 Daniel GOLEMAN, *Inteligência emocional*, p.36, mostra que “existiu um cérebro emocional muito antes do surgimento do cérebro racional”.

7 Daniel GOLEMAN, *Inteligência emocional*, p.23.

a vida. A própria raiz da palavra *emoção* é do latim *movere* – “mover” – acrescida do prefixo “e-”, que denota “afastar-se”, o que significa que em qualquer emoção está implícita a propensão para um agir imediato⁸. À vista disso, as emoções influenciam mais em nossa vida do que podemos perceber.

A síntese da IE apresentada por Goleman mostra que um indivíduo emocionalmente inteligente pratica, ao mesmo tempo, autoconsciência e autogestão, consciência social e gerenciamento dos relacionamentos. Ou seja, conhece as suas próprias emoções, sentimentos, os administra, agindo sobre eles e tem consciência das suas relações, gerenciando-as. Em poucas palavras, tem autodomínio e capacidade para gerenciar as relações⁹.

Em Mateus (4,1-11), após Jesus ter sido batizado, o Espírito o conduz “ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mt 4,1). Deserto, na Bíblia, é local de transformação, de mudança, de revisitar as questões fundamentais da vida e ressignificar o modo de ser. É no deserto que Moisés vive a experiência do encontro com Deus na montanha (Êx 3,1-6). O povo de Deus, depois de sair da situação de escravidão do Egito, passa pelo deserto, onde reconstrói as bases sociais, religiosas, políticas e econômicas da sociedade (Êx 16;18; 19; 20; 21). Jesus passa quarenta dias no deserto, assim como o povo passou quarenta anos. Quarenta é um número simbólico, significa um tempo necessário e oportuno. No deserto Jesus vai passar pelo teste da autoconsciência, da autorresponsabilidade, do autocontrole. O diabo – acusador, que pretende dividir, criar conflitos – propõe a ele os benefícios do poder, do dinheiro e do prazer. Ser rico, ser controlador do mundo e ser feliz – o que mais alguém poderia desejar? São as tentações da existência, que podem ser pagas com o preço do isolamento, do vazio e da tristeza. Jesus precisará responder por si mesmo, com autorresponsabilidade. É o que faz, mantendo-se firme na doação, na humildade, no serviço. Eis que, então, o diabo o deixa, e os anjos passam a servi-lo.

Este diálogo interior Jesus o manterá ao longo de sua vida em missão. Seguidamente vemos Jesus subir a montanha ou apartar-se do grupo para descansar, meditar e rezar. Especialmente quando tem de tomar uma decisão importante, como quando se transfigurou (Mt 17,1-8), quando queriam fazê-lo rei por ter alimentado a multidão (Jo 6,15), quando estava prestes a ser preso, no Getsêmani (Mc 14,32-36). A vida de Jesus será deserto (autorreflexão, meditação), planície (missão, ação-reflexão-ação), montanha (oração, contemplação), manancial/fonte (experiência profunda de Deus).

3 DIMENSÃO SOCIAL DA INTELIGÊNCIA: SERES DE SOLIDARIEDADE

Os estudos de Goleman sobre a IE o conduziram à percepção de outra dimensão da inteligência, relacionada tanto à intelectual como à emocional, mas com características próprias, que o levaram à ideia de que “fomos programados para nos conectar”¹⁰. Nosso cérebro, ao longo da evolução, foi sendo preparado para os relacionamentos. É inegável, pelas nossas próprias experiências de interação social, que os encontros, as relações, os contatos entre as pessoas geram reações quase que espontâneas, sobre as quais temos pouco controle. Uma pessoa ri e, sem mesmo conhecê-la e sem poder controlar, sorrimos de volta, mesmo que timidamente. Vemos uma pessoa irritada e franzimos a testa. O encontro emocionado de pessoas que há tempo não se viam, também nos toca as entranhas. Ao que parece, sofremos de encontros, ou seja, as relações provocam nosso corpo e nossa mente de um modo todo

8 Daniel GOLEMAN, *Inteligência emocional*, p.32.

9 Daniel GOLEMAN, *Inteligência emocional*, p.27.

10 Daniel GOLEMAN, *Inteligência social*, p.10.

especial, que não vivemos em outras experiências. Somos equipados com um módulo social. Daí vem a questão: qual a química de um encontro? O que de especial e singular acontece na psicologia de duas pessoas juntas?

Como bem expressa “as emoções são contagiosas” e a transmissão acontece sem que nos demos conta. Algumas mensagens emocionais são viscerais, sentimos primeiro nas entranhas e somente depois é que as processamos no pensamento. E há também sentimentos viscerais que não conseguimos compreender¹¹. A descoberta dessa dupla forma de comunicação, uma direta e muitas vezes inconsciente e a outra processada pelo intelecto, conduziu Goleman a considerar que nosso cérebro social possui uma estrada principal (consciente) e um atalho, por onde transitam as mensagens que se manifestam em sentimentos e emoções das relações antes que o intelecto possa processá-las.

Essa estrada secundária, o atalho, é o circuito que opera abaixo da nossa consciência, automaticamente e sem esforço, a uma imensa velocidade. A maior parte do que fazemos parece ser comandada por colossais redes neurais que atuam nesse atalho – principalmente em nossa vida emocional. Quando ficamos encantados com um rosto atraente, ou percebemos o sarcasmo em um comentário, é graças a esse atalho¹².

A IE tem base biológica cerebral, mas, assim como as outras, precisa ser desenvolvida para que potencialize a existência humana, bem como a busca da formação integral. O desenvolvimento dessa forma de inteligência se relaciona ao trabalho formativo que mobilize e aperfeiçoe tanto a capacidade de sentir os outros como a de agir sobre o que sentimos para possibilitar crescimento mútuo numa espécie de sensibilidade pedagógica compartilhada. Daí a conclusão de que somos seres de empatia e temos genes de solidariedade. O bem também é contagioso e quando vemos alguém fazendo um ato de misericórdia sentimos a inclinação a participar.

É interessante notar como os evangelhos mostram, com certa abundância, a empatia e a compaixão de Jesus. Ao chegar em Betânia e ver o drama de Marta e Maria, que acabavam de perder o irmão, Lázaro, Jesus entra numa sintonia compassiva que impressiona. Os judeus também estavam na casa delas, mas para consolar, uma espécie de resposta racional para uma perda emocional. Antes de tudo, Jesus vive a empatia. Ao ver Maria chorar, Jesus comoveu-se e ficou perturbado (Jo 11,33). Após perguntar onde o haviam colocado, Jesus chorou. Ao se dirigir ao sepulcro, Jesus comoveu-se de novo. Há, em Jesus, uma admirável capacidade de sentir com o outro. É o que vemos também em muitas outras passagens. Ao ver a multidão, Jesus teve compaixão, pois percebeu que estava cansada e abatida como ovelha sem pastor (Mt 9,36); é o mesmo que sente quando vê a multidão que há três dias não come (Mt 15,32). Ao ver o cortejo fúnebre do único filho da viúva, na cidade de Naim, Jesus ficou comovido e disse: “Não chores” (Lc 7,13). Ficou admirado também com a grande fé do oficial romano que pedia por seu servo (Lc 7,9). Em Jerusalém, Jesus vê um invisível enfermo que havia trinta e oito anos aguardava por um milagre na piscina de Betesda, lhe dá atenção, conversa para saber a suas necessidades e, ao ver tamanho sofrimento, diz: “Levanta-te, toma teu leito e anda!” (Jo 5,8).

11 “Uma emoção pode passar silenciosamente de uma pessoa para a outra sem que nenhuma das duas perceba de forma consciente” (Daniel GOLEMAN, *Inteligência Social*, p.27).

12 Daniel GOLEMAN, *Inteligência Social*, p.27.

4 DIMENSÃO ESPIRITUAL DA INTELIGÊNCIA: SERES DE ESPIRITUALIDADE

Às pesquisas sobre a inteligência não passou despercebida a agitação neural de uma área do cérebro quando se tratava de questões existenciais fundamentais, como *por quê* e *para quê* viver, o que realmente importa, quais as razões fundamentais pelas quais vivemos, em uma palavra, qual o sentido da vida. Junto à inteligência lógico-matemática, sistemática, procedimental, e à que mobiliza a sensação e a comunicação emocional começou a ganhar forma a existência de uma inteligência criativa-integradora, que pode capacitar o ser humano a buscar e viver um sentido mais profundo da vida, a busca da transcendência e o enfrentamento equilibrado das adversidades. Foi o que se chamou de “Ponto Deus no cérebro”¹³ e, em seguida, de inteligência espiritual.

Se nosso cérebro pudesse ser comparado a um *software*, este seria equipado, por natureza, com um módulo Deus sem o qual os outros módulos também não funcionariam direito. Seria um daqueles módulos sem os quais o sistema ficaria comprometido. Danah Zohar e Ian Marschall¹⁴ observaram em suas pesquisas que, quando as pessoas vivem ou tratam de questões caras de sua existência, como quando são confrontadas com situações limite ou pensam no para que vivem, são percebidas oscilações de ondas em todo o seu cérebro, fazendo confluir de modo especial ao lobo temporal¹⁵, onde estaria o chamado ponto Deus. “O ‘ponto Deus’ não prova a existência de Deus, mas, de fato, demonstra que o cérebro evoluiu para fazer as ‘perguntas finais’, para ter e usar a sensibilidade para sentido e valores mais amplos”¹⁶.

A inteligência espiritual é resultado de um longo processo genético-social evolutivo. Um módulo cerebral intimamente interligado aos outros que “usamos para lidar com problemas existenciais”; é ele que nos “leva ao âmago das coisas, à unidade por trás da diferença, ao potencial além de qualquer expressão concreta”. Esta forma de inteligência nos capacita para sermos mais humildes, flexíveis, resilientes, ter propósito, percepção holística, sinergia intra e interpessoal, autoconsciência e autorresponsabilidade. Para Zohar e Marshall, usamos a inteligência espiritual “para lidar com os problemas existenciais”¹⁷, que “nos leva ao âmago das coisas, à unidade por trás da diferença, ao potencial além de qualquer expressão concreta (...), permite integrar o intrapessoal com o interpessoal, transcender o abismo entre o eu e o outro (...), ajuda-nos a levar a vida em um nível mais profundo de sentido”¹⁸. Os autores chegam a dizer que “a crise fundamental do nosso tempo é de natureza espiritual”¹⁹.

Conta o evangelho de Lucas que, estando Jesus em viagem, entrou num povoado (Betânia), sendo recebido pelas irmãs Marta e Maria. Enquanto Marta se ocupava com os afazeres da casa, provavelmente, preparando a hospedagem e uma boa comida para o visitante, Maria se pôs a escutar Jesus, para a indignação da primeira. Parecia-lhe injusto que, enquanto se debatia com tudo o que fazer, a outra ficasse de boa, ouvindo o Mestre. E Marta, em vez de se dirigir a Maria, sua irmã, em segredo, interpela Jesus em tom de repreensão: “Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o

13 Os neurobiólogos Michael Persinger e Vilayanu S. Ramachandran, depois de testes, pesquisas e experimentos de acionamento dos lobos temporais do cérebro, durante a década de 1990, batizaram esta área de “ponto Deus”. Quando ela é ativada, as pessoas vivem experiências religiosas transformadoras.

14 Zohar é professora de Liderança Estratégica na Universidade de Oxford, especialista em Psicologia e Filosofia. E Marshall formou-se em Psicologia, Filosofia e Medicina e, atualmente, é psiquiatra e psicoterapeuta da Universidade de Londres. São casados.

15 Estrutura cerebral responsável pelo processamento da memória.

16 Danah ZOHAR e Ian MARSHALL, *Inteligência espiritual*, p.25.

17 Danah ZOHAR e Ian MARSHALL, *Inteligência espiritual*, p.27.

18 Danah ZOHAR e Ian MARSHALL, *Inteligência espiritual*, p.27-28.

19 Danah ZOHAR e Ian MARSHALL, *Inteligência espiritual*, p.33.

serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude? Jesus não entra na pilha de Marta, pois compreendeu o seu problema e a sua indignação. Ela está toda voltada para o que tem a fazer, na verdade, são as atividades que têm Marta, não ela as atividades. A questão não é propriamente o fazer, mas fazer o que precisa ser feito, o que traz vida. Jesus afirma: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas, no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só” (Lc 10,41). Esse trecho, no evangelho de Lucas, vem logo depois da parábola do bom samaritano, onde Jesus repõe a prática do mandamento do amor como a porta para a vida eterna. A intenção de Jesus é reconduzir Marta ao que realmente importa, a partir do qual tudo o mais terá sentido, até mesmo os pequenos afazeres da casa. Em nosso tempo de excessivas agitações e inquietações por muitas coisas, o conselho de Jesus a Marta nos serve de referência. Na formação, pelas muitas atividades, muitas vezes nos perdemos no que deveríamos nos encontrar. É necessário repor a essencialidade, a integralidade.

5 DIMENSÃO CULTURAL DA INTELIGÊNCIA: SERES DE CULTURA

Quando nos reportamos à história da humanidade, à primeira vista, parece ter havido um movimento linear de evolução em um único grupo de hominídeos a partir de um determinado local, que foi aos poucos e gradualmente se espalhando por todo o planeta e se adaptando ao clima e ao ambiente. Descenderíamos, então, de uma única cepa e seríamos uma grande família. Mas a aparente homogeneidade revela grande diversidade desde as origens, que é fartamente percebida através da história e ainda hoje nas diferenças culturais e linguísticas. O que uniria a espécie seria esta ampla potencialidade de saber que sabe e que não sabe, regada de emoções, de desejos, necessidades, sonhos, motivos, causas, sentidos e diferenças.

Cultura, em sentido abrangente, é toda e qualquer produção humana. Os animais procuram abrigo e têm formas de sobreviver. O ser humano, além disso, faz de seu abrigo um lar, constrói e aperfeiçoa a sua moradia, a que chama de casa. Os animais utilizam artefatos simples como auxílio para algumas tarefas, como pedras para quebrar nozes. Os seres humanos produzem grande diversidade de instrumentos, artefatos, recursos e materiais para utilizarem como suporte de seu *modus vivendi*. Ao tomar uma árvore e confeccionar um instrumento ao qual se chama cadeira e dando a ele uma utilidade, o ser humano está criando cultura. Não surgem apenas novos instrumentos, mas acompanha-os os significados. Eis a cultura em seu sentido mais originário: a criação de instrumentos, recursos, utensílios, significados, normas, cultos, ritos, sentimentos, emoções, gestos, narrativas... que sustentam a existência.

As diferenças culturais foram e são motivos de diálogo e conflitos. No livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 15, vemos aquilo que se tem como o primeiro Concílio da Igreja Cristã. O ponto da discórdia é a atitude de Paulo e seus colaboradores, que avançaram para a Ásia Menor, anunciando a mensagem de Jesus Cristo ao mundo greco-romano e não exigindo a circuncisão aos batizados – costume do povo judeu. Temos aí, também, uma decisão significativa sobre o aspecto da interculturalidade: após discussão em assembleia, os apóstolos decidem que não é necessário exigir aos batizados a circuncisão e, desde que se abstenham de comer a carne imolada aos ídolos, podem ser batizados.

Há outras passagens bíblicas que podem ser tomadas como sinal de inteligência cultural e seu desenvolvimento. Em Mateus (15,21-28) vemos Jesus entrando no território de Tiro e Sidônia, habitado por gentios, tidos pelos judeus como cães²⁰. Uma mulher daquela região (cananeia), suplica compaixão por sua filha que, segundo ela, estava fora de si, endemoninhada.

20 Filipenses 3,2 pede “Cuidado com os cães”.

A princípio, Jesus não dá a mínima para ela, e os discípulos, vendo que insistisse, tentam persuadir Jesus a despedi-la. Jesus diz aos discípulos que foi enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel – apegando-se a uma visão cultural sobre a promessa de um messias para os judeus. A mulher, todavia, aproxima-se, prostra-se e suplica. Ela, por conta de suas necessidades, põe-se em condição de abertura e humildade. Jesus insiste no argumento da cultura e diz não ser justo tirar o pão dos filhos (judeus) para dar aos cães (gentios). A mulher não se dá por vencida e implora pelas migalhas. Jesus reconhece a grandeza da sua fé e atende à sua prece.

Um dos mais belos textos dos evangelhos é o encontro e o diálogo de Jesus com a Samaritana (Jo 4). Ele também revela nuances profundas da inteligência cultural. Os judeus tinham conflito antigo com os samaritanos, que eram considerados idólatras, uma das maiores abominações para os judeus. A caminho, passando aos arredores de Sicar, enquanto os discípulos se ocupam em comprar rapidamente alimentos para seguir viagem, Jesus se aproxima do poço que saciava a sede daquela cidade. Era próximo ao meio-dia. Geralmente, as mulheres buscavam água pela manhã e à noite. Contudo, naquele dia, uma mulher apareceu justo no momento em que lá se encontrava Jesus. É possível que, vendo Jesus, um judeu, e sabendo das desavenças, a mulher deva ter se apressado para pegar a água e sair logo do local. Mas algo inesperado acontece: Jesus pede de beber. Um sinal de reconhecimento do outro, de abertura cultural e de necessidade de ajuda. A mulher estranha sobremaneira. Os judeus tradicionais jamais falariam com uma mulher estrangeira em público, quanto mais com uma samaritana. Jesus, todavia, não apenas fala com ela, ele pede água. O poço, para aquela cidade, não era apenas uma fonte de subsistência, significava também uma fonte de sentido: era o que o patriarca Jacó havia deixado como herança. Jesus, portanto, não está a pedir apenas água, ele pede troca. Por óbvio, há reação da mulher, que tenta dissuadi-lo em tom de estranhamento: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber a mim que sou samaritana?” (Jo 4,9). Então, inicia-se um diálogo intercultural que parte da cultura de cada um, mas a transcende para algo que está além delas, nem somente em uma, nem somente na outra, mas em “espírito e verdade”²¹. A mulher, que antes estava sedenta, pois não esperou o tardar do dia para buscar a água, esqueceu até mesmo o cântaro e voltou apressadamente à cidadã para contar a boa nova da mensagem daquele judeu que, sem aquele encontro intercultural, seria enxotado da cidade. Os discípulos, em decorrência de verem Jesus junto ao poço falando com uma mulher samaritana, ficaram perplexos. E, para quem desejaria apenas passar depressa pela cidade, de preferência sem serem vistos, entram e ficam dois dias na cidade (Jo 4,43). Certamente, depois desse encontro, tanto a visão de Jesus e seus discípulos, quanto a dos samaritanos mudou sobremaneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus indica caminhos para a formação integral, que supõe uma visão também integral da inteligência e uma organização pedagógica que dê conta de desenvolvê-la também integralmente. As pesquisas avançam na direção de mostrar que, em uma única ação são requisitados neurônios de diferentes regiões do cérebro e, em tentativas ulteriores de reproduzir essa mesma ação outros e diferentes neurônios são envolvidos, o que aponta para um fantástico dinamismo cerebral, que sempre surpreende e se renova. O cérebro humano, pois, “sempre opera como um todo”²² e a formação humana é, em boa parte, devedora da capacidade de integrarmos as diferentes dimensões da formação. Tamanha a

21 Em *Aprender a ser: cuidado com a vida e sentido do ser*, faço uma análise pormenorizada deste texto e tematizo este encontro, apresentando 33 passos para a busca do sentido, que podem também ser tomados como passos do desenvolvimento da inteligência cultural.

22 Miguel NICOLELIS, *O verdadeiro criador de tudo*, p.19.

maravilha da criação. Somos sempre e a cada momento seres únicos, indivisíveis, dignos e livres.

De um lado, o ser humano, este ser inquieto e inacabado tem dentro de si a semente divina da admiração, da curiosidade, do encantamento, da reverência, da empatia, da compaixão, do amor; e, de outro, o mundo, o cosmos e o próprio ser humano mostram sinais de um universo de mistérios desconhecidos, prontos para a surpresa, o assombro, o estupor, a fascinação, o maravilhamento. Como bem disse São Paulo, “a criação inteira geme e sofre as dores do parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito” (Rm 8,22-23). Estamos, pois, em um movimento constante de formação integral, por meio da qual nossa salvação se torna objeto de esperança. Um movimento formativo intencional, hoje, tem o desafio de trabalhar com a integralidade da inteligência, ou seja, congregando em um mesmo processo formativo as dimensões intelectual, emocional, social, espiritual e cultural. E, assim como ao especialista, Jesus nos dirá: “Faça isso e viverá” (Lc 10,28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALBINOT, Rodinei. *Aprender a ser. Cuidado com a vida e sentido do ser*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BALBINOT, Rodinei. *Educação e Gestão em Transcendência*. São Paulo: FTD, 2018.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional. A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. 2ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Social. A ciência revolucionária das relações humanas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.
- LIVERMORE, David. *Inteligência Cultural. Trabalhando em um mundo sem fronteiras*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.
- NICOLELIS, Miguel. *O verdadeiro criador de tudo*. São Paulo: Planeta, 2020.
- THOMAS, David C. e INKSON, Kerr. *Inteligência cultural. Instrumentos para negócios globais*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ZOHAR, Danah e MARSHALL, Ian. *Inteligência espiritual. QS: Aprenda a desenvolver a inteligência que faz a diferença*. Rio de Janeiro: Viva Livros: 2012.